defesa e ilustração do CINEMA brasileiro como um todo

ROGÉRIO SGANZERLA

PRIMEIRA ORDEM

Terei uma mensagem a transmitir? Pois seja essa: a arte, no Brasil, em vez de andar, carangueja. Não discorrerei sobre as causas do vôo rasante da cultura, pois, enquanto ela dá um vôo rasante, eu vou alçando vôo; quem viver verá.

Temos o maior ritmo do mundo – o samba – e nenhum sambista entre os atuais sambeiros. Tínhamos arquitetura; hoje nos impingem elementos vazados. No teatro, Oswald e Nelson dão lugar ao palavrão. Não faltam produções analfabetas para evidenciar a indigência mental de improfícuos batalhadores. Sou contra pornografia, quem quiser que o faça; para que rodar filmes primários e embrutecedores, a não ser para aumentar nosso lastro de ignorância e analfabetismo? A meu ver, a solução não se encontra no comercialismo desenfreado nem no verbalismo oficial – não queremos do cinema brasileiro um veículo burro nem, uma expressão falsamente letrada: desejamos que o público tenha direito de escolha e que não seja somente bombardeado por uma avalanche de primarismo. Dizem que só há pangaré no páreo inexistente do nosso cinema; de qualquer forma, o páreo anda tão ruim que só pode melhorar (acho ótimo, porque pior é impossível e isto vale para quase todas as artes, inclusive o cinema mundial).

Oswald de Andrade dizia que um povo sem cinema é como um país sem eletricidade. Nossos filmes andam péssimos e os diretores adormecidos. Embora o público, graças a Deus, prestigie cio e libertinagem, isso não resolve o problema de mercado – a conquista é outra e exclui, necessariamente, o jogo abaixo (pornochique, pornochanchada, boca do lixo ou macumba para turista). Impossível servir a dois senhores. É necessário separar o joio do trigo, a favor de uma frente ampla contra a ignorância, contra o marasmo e a mediocridade, a favor da livre experiência cultural, da revolução caraíba, sem concessão à mediocridade... assim como fomentar a informação formada e a consciência crítica, pois, sem apoio logístico à arte, não se forma indústria.

DEFESA E ILUSTRAÇÃO DO (TODO) CINEMA BRASILEIRO:

Há tempo para tudo; para defender e atacar, para refletir e concluir. Pessoalmente, não devo nada à mente de ninguém e isso posso dizer de meu melhor julgamento. Mas uma coisa é necessária em todas essas etapas, se assim posso chamá-las: ser-se sincero. E sincero o fui sempre; quando ataquei foi para atacar mesmo, quando defendi, idem. E se hoje volto à carga é para concluir que o tempo e como a filosofia, nos ensina a ver a vida como ela é, e, conseqüentemente, nos ensina a viver (subentendido: filma lá verdadeiramente).

Eu, que já fiz de tudo – ataquei, defendi, refleti – agora posso dizer pelo menos para mim mesmo: há lugar para tudo (menos para a hipocrisia, início de todo mal) e para todos nesse país novo onde tudo está por ser feito: a língua, imposta e adquirida; o homem e a sociedade, a cultura e a arte. Para tanto é necessário não fazer polêmica pessoal, mas ser-se polêmico.

Do cinema brasileiro? Posso dizer o seguinte: o conceito de legitimidade é essencial, ligado ao conceito de liberdade de expressão, tão vital na mente quanto a lei da oferta e da procura no comércio. A possibilidade de pensar e ir mais além, me faz dizer de uma vez: é legítimo o cineasta com suas preocupações autorais e culturalistas – seja bom ou ruim – como é legítima a necessária insolência da vanguarda (na qual me alinho) ou o esforço da retaguarda. Tudo é possível e bom nesse atual estado de coisas, onde a situação internacional nos distancia da antiga fartura brasileira (feita à base de exploração), conseqüência da despreocupação inconseqüente. Repito: a noção de legitimidade é tão essencial e vital quanto a liberdade de expressão. Todos são legítimos (princípio que a prática exclusivista do coleguismo cultural ou da capitania hereditária nega justamente aos inventores de novas formas – e não fórmulas – para novos conteúdos...); inclusive os que pagaram o pato pela situação ter radicalizado e os eternos criadores quase sempre prejudicados porque desunidos e individualistas. Cinema marginal? Esse *"slogan"* (cinema *"underground"* não existe) foi bolado nas redações para simplificar o trabalho dos redatores e complicar o dos realizadores. Para prejudicar abusivamente aqueles filmes ou pessoas que não podiam ou não queriam entender...*Udigrudi*, barbarismo que pega mal para quem o emite, é um equívoco ou mal-entendido para retirar de circulação as mais sinceras manifestações do espírito não conformista no cinema brasileiro: obras como *Bang Bang, O Homem e Sua Jaula, Sagrada Família* ou *Bandalheira Infernal* estão aí (mas não estranhamente nas telas...) para testemunhar a respeito. Ou, no mínimo meus 7 longas metragens.

DE SOLO A SOL: É HORA DO BOM NÃO CHORAR

Orson Welles, herdeiro de Griffith, numa entrevista profética a André Bazin, em 1958, insiste sobre o fato de que Shakespeare era legitimista nas questões de Deus, da coroa e do rei – representante de Deus na terra – e conseqüentemente, na questão da distribuição de justiça cultural... É o que todos procuramos; seja com pontapés, agressões, explosões literárias. De qualquer maneira, lembro que os interesses que nos separam dos "concorrentes" (eles efetivamente não respeitam a lei da oferta e da procura, antes refugiam-se sob os interesses do coleguismo cultural) são infinitamente menores do que aqueles que nos identificam na causa maior: a defesa do cinema brasileiro, como um todo, que é também a do mercado brasileiro (fabuloso em todo sentido), do qual ainda – por incrível que pareça – não ocupamos nem um terço... O cinema brasileiro é uma coisa só (a partir da divisão entre o joio espalhado e o trigo escondido) paradoxalmente uma só luta – com suas posições e retiradas, vanguarda, centro e retaguarda – que precisa organizar-se para sobreviver – e estou falando também da cultura brasileira em geral e das diversas manifestações artísticas que constituem a contribuição milionária de todos os erros na luta por um novo homem e por uma nova sociedade.

Sempre fui e serei o mesmo, me aceitem ou não... Embora eu não tenha mudado nem uma vírgula, melhorei... para pior – isto é, para melhor, evidentemente.

POR QUE A CULTURA NACIONAL VOA BAIXO?

Vôo rasante, por baixo, da arte e do espetáculo, por quê? Além da situação isolada e demissionária dos artistas face à pressão da censura, há os menos dotados ou menos lúcidos, em posições-chaves que não compreendem nem sabem defender; há o individualismo; os problemas menores de afirmação, a desunião... Por culpa de quem? De todos, inclusive das autoridades responsáveis (?), que não viram o cinema como um valioso instrumento de educação das massas, como fixação e revelação de uma linguagem que, afora nossa dimensão continental, quase ninguém conhece nem quer ouvir falar.

O PRINCIPAL DESMANDO NO BRASIL É O MEDO:

Objetivamente, o número de ingressos do produto nacional aumentou, mas o mercado não, pois, apesar de o concorrente estrangeiro ter perdido parte de sua considerável arrecadação não quer projetar nem curta-metragem... Temendo-nos, dividia-nos, pois não éramos (suficientemente) unidos em torno da questão vital de soberania ideológica e de mercado. Para a união impõe-se uma renovação que, se não foi assumida a tempo, os erros do momento ensinam-nos a empreendê-la imediatamente. Retirando-nos o acesso ao público, alguns elementos desse conjunto criativo que era o cinema brasileiro há uma década, esqueceram-no (diria até: comprometeram-no) definitivamente. Faltou a livre discussão, há muito adiada, omitida ou escamoteada. "Querem acabar com nosso cinema tal como a grande feira, a Praça Onze e a Lapa". De Roberto Santos a Fernando Campos, passando por Andrea Tonacci, os donos da verdade ou da mentira estética foram os próprios produtores-realizadores-independentes, que são e sempre serão os que estão por trás do pano. Enlaço a questão cultural ao dado econômico sobretudo numa hora de crise que aponta e encaminha as lições a serem desenvolvidas com a prática. O momento anterior foi de resistência. Agora passamos ao ataque, lucidamente preparando condições para encaminharmo-nos à grande travessia de um cinema brasileiro (bárbaro e nosso) de livre exportação poética, que dê dinheiro e prestígio no mesmo tempo. Só assim alicerçaremos eficazmente essa causa nobre: o homem e a câmera brasileiros.

Anteriormente não houve vítimas a especificar, mas um naufrágio geral. Resistiu-se sem perder a esportiva. Em nome de uma geração sacrificada, proclamo a necessidade de um pólo semicontinental de São Paulo a Salvador, passando pelo Rio (onde as soluções e os equívocos ampliados se adiam: devido à proliferação de produtores culturais sem espaço nas telas), verdadeira e única abertura cultural possibilitada pela conquista de mercado, a fim de criticarmos o pseudo grande produtor que exclui o pseudo pequeno independente. Este último fundamenta-se no valor do criador que sabe o que quer dizer e não se conforma com a mediocridade circundante, mexendo na cabeça das pessoas (como fiz) para melhorá-las, evidentemente. Nessas horas críticas nunca faltou cortina de fumaça para confundir leitores e/ou espectadores. Cinema não é indústria de conservas e se tiver que ser, que se dê preferência feitas em casa...

Manufaturando leis e ampliando o que pode ser feito pela causa cultural-econômica, a *EMBRAFILME* é imbatível e depende de nós e de um consenso de classe – firmado na livre concorrência, na discussão fílmica e não somente em fofocas – reconhecer que cinema não é objeto de igrejinhas que não admitem jogo franco (e por isso recebem a lição pelo que praticaram contra uma geração) e aliam-se às multinacionais ao defender seu quinhão que por acaso (ou não?) é vultuoso.

OS CÃES LADRAM...

Enquanto se disfarça isso tudo com faltas ou excessos mundanos, o que está em questão verdadeiramente é uma economia e uma estética que nunca tiveram vez, pois, acima de tudo, são colocados os interesses inconfessáveis de grupos que negam a livre concorrência pelo lucro fácil. Ao mesmo tempo, fitas estrangeiras, tão ruins ou piores do que as nossas, chegam aqui pagas, despejando entre nós um lixo cultural que deveria parar em outro lugar... sobretudo numa economia de guerra... Esteticamente nosso cinema vai mal, mas pode ir bem. Se foi bom e piorou, poderá aprimorar-se, porque o processo histórico não é linear, mas cíclico. Isso se: a) defendermos criativamente (defesa é crítica e... autocrítica) algumas de nossas instituições genuinamente nacionais; b) corrigirmos nossos defeitos por nós mesmos, isto é, repudiarmos a violência contra o cinema brasileiro como um todo econômico.

Questões eventuais escondem o verdadeiro cerne da questão: a luta entre o fazer e o mostrar, produção e exibição, câmera e tela.

Reguladas as relações entre um e outro extremos, veremos então – como já estamos vendo – que quem põe lenha no fogo da desunião cultural são os concorrentes, ao mesmo tempo que despejam enorme, indiscutível, irremediável lixo sobre nosso espaço, arrecadando fortunas às custas de nossa imaturidade exemplar.

Mercadologicamente o inimigo é outro, embora esteticamente, o inimigo sejamos nós mesmos, porque não deixaram que disséssemos a tempo que o cinema brasileiro não precisa ser feito somente por uma parcela de deslumbrados que tenta retirar-nos o direito de expressão e autocrítica pública, se necessária, o qual somente nós podemos dar conta.

Todo um trabalho desenvolvido de 1968 a 80 resultou em dissensões pessoais, quando o que se queria era simplesmente lavar a roupa em casa, dando vez ao intuito renovador incompreendido. Isso provocou o vácuo cultural apontado por nós desde o manifesto contra o estágio conformista do Cinema Novo (1965/1970), que não soube ou não pôde viabilizar as questões dramáticas de um cinema livre em um mercado importador. Na verdade deveríamos – há muito tempo – tentar exportar o cinema a partir de uma pluralidade de pensamento.

TESTEMUNHO:

Soube, há dez anos, combater o vírus da mediocridade conformista para que, a partir da renovação permanente, assumíssemos o poder de um cinema conseqüente e, em seguida ou vice-versa, ganhássemos dinheiro. Esbarramos em obstáculos premeditadamente lançados por inimigos de dentro e de fora? Corrupção existe no sistema monopolista de exploração – na realidade, o exibir depende do distribuidor estrangeiro e o produtor daquele. Como sair desse círculo vicioso a não ser esclarecendo tudo de uma vez? A estética determina a economia sim, e foi isso que o Cinema Novo não quis ou não soube ouvir de outra geração – sem qualidade não há quantidade durável, mas agora, unido o cinema brasileiro em torno da EMBRAFILME – aprendemos, ainda que tarde, que os que estavam certos eram os Rogério Sganzerla da vida... **(o próprio)**